

"Um livro sobre racismo, riqueza e divisão de classes. De forma sutil, ilustra como o racismo estrutural se manifesta e como acabamos perpetuando-o no dia a dia."

— MARIE CLAIRE

An illustration on a yellow background. A Black woman with dark curly hair is in the foreground, looking directly at the viewer with a serious expression. She is wearing a brown top and a black skirt with a pink floral pattern. A white woman with short blonde hair is behind her, holding a smartphone and looking at the screen. The woman in the foreground has her arm around the white woman's shoulder. The title 'Na Corda Bamba' is written in large, white, outlined letters across the middle. The author's name 'KILEY REID' is at the bottom in teal. A small logo of an archer is in the bottom right corner.

Na CORDA BAMBA

KILEY REID



ARQUEIRO

Na CORDA BAMBÁ

“Um retrato original e fiel do que é ser uma mulher negra nos dias de hoje.”

– LENA WAITHE, roteirista, produtora e atriz norte-americana

“Uma história provocativa sobre aspectos do nosso dia a dia: culpa branca, vaidade e a dinâmica desigual entre empregadas domésticas e seus patrões.”

– *THE TIMES*

“Arrebatador, complexo, cativante e, acima de tudo, verdadeiro. Uma leitura maravilhosa, séria e, devo dizer, divertida.”

– PAUL HARDING, autor de *A restauração das horas*

“Kiley Reid mostra que, no mundo em que vivemos, quase sempre as intenções não correspondem aos atos, as expectativas não correspondem às suas consequências, e é possível que alguém queira fazer uma boa ação e acabe provocando algo bem ruim.”

– CHLOE BENJAMIN, autora de *Os imortalistas*

“O romance de estreia de Kiley Reid é deliciosamente desconcertante. Você não vai conseguir largar este livro, que é como uma comida boa e quentinha que fatalmente vai causar certa azia.”

– *VOGUE*

“Uma trama fascinante, real e costurada com perfeição.”

– *WASHINGTON POST*

“Repleto de traições, reviravoltas e relacionamentos complicados, *Na corda bamba* é permeado de discussões sobre preconceito racial e divisão de classes – e todos os heróis imperfeitos desta história possuem sentimentos muito verdadeiros.”

– ENTERTAINMENT WEEKLY

“Alguns vão achar graça, outros vão ficar incomodados por se identificarem tanto, mas todos precisam ler este livro complexo e arrebatador.”

– NPR

“*Na corda bamba* marca a chegada de uma nova voz corajosa que conta uma história carregada de preconceitos raciais, mas também de uma forte convicção de que essas feridas até hoje abertas podem ser curadas com esperança e compreensão.”

– PAPERBACK PARIS

Título original: *Such a Fun Age*

Copyright © 2019 por Kiley Reid Inc.

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Roberta Clapp

preparo de originais: Juliana Souza

leitura sensível: Rane Souza

revisão: Rayana Faria e Suelen Lopes

diagramação e capa: Natali Nabekura

ilustração de capa: aquarela de Mariana Sguilla

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R284n Reid, Kiley

Na corda bamba / Kiley Reid; tradução de Roberta Clapp.

São Paulo: Arqueiro, 2020.

320 p.; 16 x 23 cm.

Tradução de: *Such a fun age*

ISBN 978-65-5565-027-3

1. Ficção americana. I. Clapp, Roberta. II. Título.

20-66102

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para Patricia Adeline Olivier

“Eu não compro coisas para eles sem motivo. Nós sempre esperamos os aniversários. Mesmo que a coisa seja um sorvete. Tipo, [minha filha] tem que fazer por merecer. Ontem a gente prometeu para ela um sorvete, mas ela se comportou muito mal. E eu disse: ‘Sinto muito, o sorvete é só para meninas que sabem se comportar. E hoje você não se comportou. Quem sabe amanhã?’”

– RACHEL SHERMAN, *Uneasy Street: The Anxieties of Affluence*

PARTE UM

Um

Naquela noite, quando a Sra. Chamberlain ligou, Emira a princípio só entendeu algo como “levar a Briar sei lá onde” e “te pago o dobro”.

Em um apartamento cheio de gente, com alguém gritando “Essa é a minha música!”, Emira estava ao lado de suas amigas Zara, Josefa e Shaunie. Era um sábado à noite de setembro e faltava pouco mais de uma hora para que o dia do 26º aniversário de Shaunie chegasse ao fim. Emira aumentou o volume da ligação e pediu que a Sra. Chamberlain repetisse o que dissera.

– Por acaso tem alguma chance de você ir no mercado com a Briar rapidinho? – quis saber a Sra. Chamberlain. – Desculpa te ligar a essa hora. Sei que tá tarde.

Era quase impensável que o serviço de babá de Emira, realizado durante o dia (envolvendo roupinhas caras, brinquedos de encaixar coloridos, lenços umedecidos e pratinhos com divisórias), pudesse se misturar com sua noite (música alta, vestidos colados ao corpo, delineador labial e copos descartáveis). Mas lá estava a Sra. Chamberlain, às 22h51, torcendo para que Emira dissesse “sim”. Sob o efeito de dois drinques fortes, a interseção entre essas duas realidades quase parecia engraçada, mas se tinha uma coisa sem a menor graça era o saldo da conta bancária de Emira: 79,16 dólares. Depois de uma noite com pratos principais de 20 dólares, shots comemorati-

vos e presentes coletivos para a aniversariante, seria bom para Emira Tucker poder contar com aquele dinheiro.

– Só um minuto – respondeu Emira. Então colocou o copo que segurava em uma mesinha de centro baixa e enfiou o dedo no ouvido. – Você quer que eu leve a Briar no mercado agora?

Do outro lado da mesa, Shaunie apoiou a cabeça no ombro de Josefa e balbuciou:

– Isso significa que agora eu sou velha? Vinte e seis anos é considerado velha?

Josefa a empurrou para o lado e falou:

– Não começa, Shaunie.

Ao lado de Emira, Zara ajeitou a alça do sutiã. Ela fez uma cara de asco para Emira e perguntou, mexendo a boca sem emitir som:

– É a sua chefe?

– O Peter, sem querer... A gente teve um incidente aqui, uma janela acabou quebrando... e... Eu só preciso tirar a Briar de casa. – A Sra. Chamberlain estava calma e articulava as palavras de um jeito estranho, como se estivesse ajudando alguém a dar à luz, dizendo: “Muito bem, mãe, chegou a hora de empurrar o bebê.” – Desculpa mesmo te ligar tão tarde – disse ela. – Eu só não quero que ela veja a polícia aqui.

– Eita, caramba. Tá bem, mas... Sra. Chamberlain?

Emira se sentou na beira de um sofá. Duas garotas começaram a dançar ao lado dela. A porta da frente do apartamento de Shaunie se abriu à esquerda de Emira e quatro rapazes entraram gritando: “Uhuuuuul!”

– Meu Deus – falou Zara. – Esses daí tão querendo mesmo aparecer.

– Eu não tô exatamente com cara de babá nesse momento – avisou Emira ao telefone. – Estou no aniversário de uma amiga.

– Ah, caramba. Me desculpa. Então não precisa...

– Não, não, tudo bem – interrompeu Emira. – Eu posso ir. Só tem uma coisa: eu estou de salto alto e tomei... um ou dois drinques. Tudo bem por você?

Emira ouviu o choro da pequena Catherine, a caçula de 5 meses.

– Peter, você pode dar uma olhada nela? – pediu a Sra. Chamberlain. E depois, voltando à ligação: – Emira, eu não me importo com sua roupa. Eu pago seu Uber até aqui e depois outro pra você voltar pra casa.

Emira enfiou o celular numa pequena divisória de sua bolsa transpassada, certificando-se de que todos os seus pertences estivessem ali. Quando se levantou e comunicou sua partida antecipada para as amigas, Josefa disse:

– Você tá indo embora pra *tomar conta de criança*? Você só pode tá de sacanagem.

– Gente... olha só. Ninguém precisa tomar conta de mim – informou Shaunie ao grupo.

Um dos olhos dela estava aberto, e o outro se esforçava muito para fazer o mesmo.

Josefa ainda não tinha feito todas as perguntas que queria.

– Que tipo de mãe chama uma babá a essa hora da noite?

Emira não estava a fim de entrar em detalhes:

– Eu preciso da grana – explicou. Ela sabia que era altamente improvável, mas acrescentou: – Volto quando acabar lá.

Zara a cutucou e disse:

– Eu vou contigo.

Emira pensou: “Ai, graças a Deus.” Em voz alta, falou:

– Tá bem, beleza.

As duas garotas terminaram suas bebidas em um único gole, enquanto Josefa estava de braços cruzados.

– Eu não tô acreditando que vocês vão embora da festa da Shaunie agora.

Emira respirou fundo, levantando um pouco os ombros e baixando-os em seguida.

– Acho que até a Shaunie já tá indo embora da própria festa – comentou Emira, enquanto a aniversariante se arrastava pelo chão e anunciava que ia tirar uma soneca.

Emira e Zara desceram as escadas. Enquanto esperavam por um Uber do lado de fora, em uma calçada pouco iluminada, Emira fez as contas de cabeça. “Dezesseis vezes dois... mais o dinheiro do Uber... Porra, ótimo.”

Catherine ainda estava chorando quando Emira e Zara chegaram à casa dos Chamberlain. Ao subir os degraus da entrada, Emira viu um buraco pequeno e irregular no vidro da janela da frente, de onde pingava um líquido transparente e viscoso. No patamar, a Sra. Chamberlain arrumava o cabelo loiro e brilhante de Briar, penteando-o para trás em um rabo de cavalo. Ela agradeceu a Emira, cumprimentou Zara do mesmo jeito de sempre (“Oi, Zara, que prazer revê-la”) e depois disse a Briar:

– Você vai poder sair com as meninas mais velhas.

Briar pegou a mão de Emira.

– Tava na hora de dormir – falou ela –, agora não tá mais.

Elas desceram os degraus e, enquanto caminhavam por três quarteirões até o Market Depot, Briar não parou de elogiar os sapatos de Zara – uma óbvia, porém infrutífera, tentativa de experimentá-los.

O Market Depot vendia caldo de carne artesanal, manteigas trufadas, smoothies em um balcão que naquele momento estava fechado e vários tipos de castanhas a granel. O lugar era bem iluminado e estava vazio, e o único caixa aberto era para compras de até dez itens. Ao lado da seção de frutas secas, Zara, se equilibrando nos saltos e puxando o vestido para baixo, curvou o corpo para pegar uma caixa de uvas-passas com cobertura de iogurte.

– Quê? *Oito dólares?* – Ela imediatamente colocou a caixa de volta na prateleira e se aprumou. – Cacete. Esse mercado é de gente rica.

– Bem – disse Emira quase sem emitir som, segurando a criança no colo –, esse aqui é um bebê de gente rica.

– Quero isso. – Briar estendeu as mãos para as argolas cor de cobre que pendiam das orelhas de Zara.

Emira se aproximou.

– E como se fala?

– Por favor, Mira, eu quero, por favor.

Zara ficou boquiaberta.

– Como ela consegue falar sempre desse jeito rouco e fofo?

– Coloca as tranças pra lá – pediu Emira. – Não quero que ela acabe dando um puxão no seu cabelo.

Zara jogou suas longas tranças por cima de um dos ombros – várias delas eram loiras platinadas – e estendeu um dos brincos para Briar.

– Fim de semana que vem vou colocar *twists* com aquela conhecida do meu primo. Oi, Srta. Briar, pode pegar no meu cabelo.

O celular de Zara tocou. Ela o tirou da bolsa e começou a digitar, se balançando um pouco por conta dos pequenos puxões de Briar.

– Tá todo mundo lá ainda? – perguntou Emira.

– A-hã! – Zara inclinou a cabeça para trás. – A Shaunie acabou de vomitar numa planta e a Josefa tá puta da vida. Quanto tempo você vai ter que ficar aqui?

– Não sei. – Emira colocou Briar de volta no chão. – Mas a minha amiguinha aqui é capaz de passar horas olhando as castanhas, então não faço a menor ideia.

– Mira vai ficar rica, Mira vai ficar rica...

Zara saiu dançando até o corredor de comida congelada.

Emira e Briar foram atrás de Zara, enquanto ela colocava as mãos nos joelhos e se remexia num ritmo próprio, olhando seu reflexo nas portas do freezer, os rótulos dos potes de sorvete suavemente espelhados em suas coxas. O celular dela tocou de novo.

– Ai, meu Deus, eu dei meu número praquela cara na festa da Shaunie? – indagou, olhando para a tela. – Ele tá muito a fim de mim, fala sério.

– Você tá dançando. – Briar apontou para Zara. A menina colocou dois dedos na boca e continuou: – Você... você tá dançando e não tem música.

– Você quer música? – Zara começou a deslizar o polegar pela tela. – Vou colocar uma, mas você tem que dançar também.

– Nada com conteúdo explícito, por favor – pediu Emira. – Eu vou ser demitida se ela repetir isso em casa depois.

– Deixa comigo, deixa comigo – falou Zara, fazendo um sinal de que estava tudo certo.

Segundos depois, a música começou num rompante. Zara ficou sem graça, disse “Opa” e baixou o volume. O som do sintetizador preencheu o corredor e, assim que surgiu a voz de Whitney Houston, Zara começou a remexer os quadris. Briar saltitou dando chutinhos para a frente, um pé de cada vez, agarrando os próprios cotovelos brancos e macios, e Emira se recostou na porta do freezer, as caixas de linguiças congeladas para café da manhã e de waffles brilhando atrás dela.

Briar Chamberlain não era uma criança boba. Balões nunca chamavam a atenção da menina, e ela ficava mais preocupada do que animada quando palhaços se jogavam no chão ou botavam fogo na ponta dos próprios dedos. Briar era bastante tímida, e, em festas de aniversário e nas aulas de balé, quando a música tocava ou os mágicos pediam aos gritos que as crianças participassem, ela geralmente se virava nervosa para Emira, seus olhos azuis questionando: “Eu tenho mesmo que fazer isso? Isso é realmente necessário?” Portanto, quando Briar se juntou a Zara sem qualquer resistência, se balançando ao som daquele hit dos anos 1980, Emira ficou ali parada, como costumava fazer, servindo de porto seguro para Briar. Sempre que a menina chegava ao seu limite, Emira queria que ela soubesse que podia parar, mesmo o momento sendo fofo demais. Por um instante, uma Emira de 25 anos estava recebendo 32 dólares por hora para dançar em um mercado junto com sua melhor amiga e sua pessoinha favorita.

Zara parecia tão surpresa quanto Emira.

– Opa! – disse ela quando Briar começou a dançar com ainda mais vontade. – Isso aí, lindinha, muito bem.

Briar olhou para Emira e falou:

– Agora você também, Mira.

Emira se juntou a elas enquanto Zara cantava o refrão: “*I wanna feel the heat with somebody.*” Ela girou Briar e a abraçou por trás quando uma pessoa entrou no corredor. Emira ficou aliviada ao ver uma mulher de meia-idade, com cabelos grisalhos curtos, usando legging e uma camiseta de corrida. Ela tinha cara de quem com certeza já havia dançado com uma criança em algum momento da vida, então Emira continuou. A mulher colocou um pote de sorvete em sua cesta e sorriu para o trio dançando.

– Você dança igual à mamãe! – gritou Briar.

Quando começou a tocar o último trecho da música, um carrinho entrou no corredor, empurrado por alguém bem alto. Ele estava com uma camiseta da Universidade da Pensilvânia, e seus olhos eram sonolentos e fofos, mas Emira estava muito envolvida na coreografia para conseguir parar de dançar e agir naturalmente, como se não tivesse sido completamente afetada por sua presença. Ela continuou se remexendo, fazendo o passinho *dougie*, e pegou as bananas do carrinho dele no momento em que o rapaz passou ao seu lado. Quando ele apanhou um mix de vegetais no freezer, ela fez um gesto, como se limpasse com a ponta dos dedos uma poeira imaginária dos ombros, para demonstrar que não se importava com a opinião de ninguém. Quando Zara disse a Briar que fizesse uma reverência para receber os aplausos, o rapaz bateu quatro palmas discretas na direção delas antes de deixar o corredor. Emira ajeitou a saia.

– Caramba, tô suando. – Zara se curvou para a frente. – Toca aqui! Isso aí, garota. Bom, pra mim já deu.

– Você já vai? – perguntou Emira.

Zara estava de volta ao celular, digitando freneticamente.

– Acho que alguém vai se dar bem hoje.

Emira jogou os longos cabelos negros por cima de um dos ombros.

– Amiga, faz o que você achar melhor, mas esse cara é *muito* branco.

Zara deu um empurrão nela.

– Emira, estamos em 2015! *Yes, we can!*

– A-hã.

– De qualquer forma, obrigada pelo passeio de Uber. Tchau, mana.

Zara fez um carinho na cabeça de Briar antes de dar meia-volta e sair. Conforme seguia para a frente da loja, com seus saltos fazendo *toc-toc*, o Market Depot de repente pareceu muito branco e silencioso.

Briar não percebeu que Zara estava indo embora até que ela já tinha saído de seu campo de visão.

– Sua amiga – disse ela, e apontou para um espaço vazio.

Os dois dentes da frente da menina pressionavam o lábio inferior.

– Ela precisa dormir – explicou Emira. – Quer ir lá ver as castanhas?

– Tá na minha hora de dormir. – Briar segurou a mão de Emira e deu um pulinho para a frente no chão de ladrilho reluzente. – A gente vai dormir no mercado?

– Não, não. Vamos ficar aqui só mais um pouquinho.

– Eu quero... Eu quero cheirar o chá.

Briar vivia preocupada com a ordem dos acontecimentos, com o que ainda estava por vir, então com calma Emira começou a explicar para ela que as duas podiam primeiro ver as castanhas e depois cheirar o chá. Mas, assim que ela começou a falar, uma voz a interrompeu:

– Com licença, senhora.

Em seguida, Emira ouviu passos e, quando se virou, um distintivo dourado reluziu diante dela. Na parte de cima, lia-se *Segurança Pública*. Na de baixo, *Filadélfia*.

Briar apontou para o rosto do homem.

– Esse moço – começou a menina – *não é* o carteiro.

Emira engoliu em seco e falou:

– Ah, oi.

O homem parou na frente dela e apoiou os polegares nos ilhós do cinto, mas não disse oi de volta.

Emira mexeu no cabelo e prosseguiu:

– Vocês estão fechando ou algo assim?

Emira sabia que o mercado ficaria aberto por mais 45 minutos. Aos finais de semana, sempre ficava aberto, limpo e abastecido até meia-noite. Mas ela queria que o homem visse como era capaz de responder. Por trás das costeletas escuras do guarda, na outra ponta do corredor, Emira viu um rosto. A mulher de cabelos grisalhos e aparência atlética, que parecia ter se sensibilizado com a dancinha de Briar, estava de braços cruzados. Sua cesta de compras, ao lado dos pés.

– Senhora – falou o guarda.

Emira olhou para sua boca grande e seus olhos pequenos. Ele parecia o tipo de pessoa que tem uma família enorme, daquelas que passa o feriado inteirinho junta, do início ao fim, e não o tipo de pessoa que usa a palavra “senhora” naturalmente.

– Está muito tarde pra alguém tão pequeno estar acordado – continuou ele. – É sua filha?

– Não. – Emira riu. – Sou a babá dela.

– Entendi. Bem, com todo o respeito, a senhora não está me parecendo uma babá no momento.

Emira contraiu os lábios, como se estivesse com dificuldade para engolir. Ela olhou para o seu reflexo ligeiramente distorcido na porta de um dos freezers e se observou por inteiro. Seu rosto – os lábios carnudos, o nariz pequeno e a testa alta coberta por uma franja preta – mal aparecia no reflexo. A saia preta, a blusa sensual com decote em V e o delineador se recusavam a tomar forma nos painéis de vidro grosso. Tudo o que ela conseguia ver era uma imagem muito escura e magra, e a parte superior de uma pequena mecha de cabelo loiro, que pertencia a Briar Chamberlain.

– Tá. – Emira respirou fundo. – Eu sou a babá da menina, e a mãe dela me ligou porque...

– Oi, com licença, eu só... Oi. – Do final do corredor, a mulher veio na direção dela e as solas muito gastas dos tênis chiaram contra o piso de ladrilhos. Ela colocou a mão no peito. – Eu sou mãe. E eu

ouvi a menina dizer que não está com a mãe *dela* e, como já está muito tarde, fiquei um pouco nervosa.

Emira encarou a mulher e meio que riu. Embora lhe parecesse uma reação infantil, tudo o que ela conseguia pensar era: “É sério que você me caguetou?”

– O que... – Briar apontou para um dos lados do corredor. – O que tem atrás dessa porta?

– Então, mamãe. Vamos lá... – continuou Emira. – Eu sou a babá dela e a mãe dela me chamou porque eles tiveram uma emergência. Ela queria que eu tirasse a menina de casa. Eles moram a três quartos daqui. – Emira sentiu um nó se formar em sua garganta. – A gente só veio aqui olhar as castanhas. Bem, a gente não encostou nelas nem em mais nada. A gente só... só tá interessada nas castanhas agora, então... é isso.

Por um momento, as narinas do guarda alargaram. Ele balançou a cabeça, como se alguém tivesse lhe feito uma pergunta, e disse:

– Por acaso a senhora bebeu esta noite?

Emira fechou a boca e deu um passo para trás. A mulher ao lado dele estremeceu e então disse:

– Ai, meu Deus.

Emira avistou a seção de aves e carnes. Lá, o cliente que ela tinha visto pouco antes, com a camiseta da Universidade da Pensilvânia, estava de pé parado e atento à conversa dela com o guarda. De repente, além das insinuações maldosas, toda aquela interação parecia absolutamente humilhante, quando como alguém diz em voz alta que seu nome não está na lista de convidados.

– Olha, quer saber... tudo bem – disse ela. – A gente vai embora, então.

– Não, espera aí. – O guarda levantou a mão. – Eu não posso deixar você sair, temos uma criança envolvida.

– Mas no momento essa criança está sob os *meus* cuidados. – Emira riu de novo. – Eu sou a babá dela. Eu cuido dela todos os dias...

Essa parte era mentira, mas Emira quis dar a entender que a família havia cumprido toda a burocracia necessária para sua contratação e que aquilo provava seu vínculo com a criança em questão.

– Oi, princesa. – A mulher se curvou e pousou as mãos nos joelhos. – Você sabe onde está a sua mamãe?

– A mãe dela está em *casa*. – Emira bateu duas vezes na clavícula ao dizer: – Você pode falar *comigo*.

– Então você está dizendo – interveio o guarda – que uma mulher aleatória, a três quarteirões daqui, pediu que você tomasse conta da filha dela a essa hora da noite?

– Pelo amor de Deus, é óbvio que não. Não foi isso que eu disse. Eu sou a *babá* dela.

– Tinha outra garota aqui uns minutos atrás – contou a mulher ao guarda. – Acho que ela acabou de sair.

Emira não conseguiu disfarçar a expressão de choque. Aparentemente, toda a sua existência havia sido anulada. Emira sentiu vontade de levantar o braço, como se estivesse tentando achar uma amiga no meio de uma multidão, com o celular no ouvido e dizendo: “Tá me vendo? Tô sacudindo a mão!” A mulher balançou a cabeça.

– Elas estavam fazendo uma dança... Eu nem sei... Um pouco reboativa demais, sabe? E eu pensei, bem, tem alguma coisa estranha ali.

– Aaah. – Emira subiu o tom de voz ao dizer: – Você tá falando sério?

Briar espirrou na perna dela.

O rapaz com a camiseta da Universidade da Pensilvânia surgiu no campo de visão de Emira. Ele posicionou o celular na altura do peito e começou a filmar.

– Meu Deus. – Emira protegeu o rosto com a mão, exibindo as unhas cobertas por um esmalte preto descascado, como se fosse aparecer acidentalmente em uma foto de grupo. – Você pode sair daqui?

– Eu acho que você vai querer um vídeo disso – disse ele. – Quer que eu chame a polícia?

Emira abaixou o braço e respondeu:

– Pra quê?

– Ei, mocinha. – O guarda se apoiou em um dos joelhos; sua voz denotava gentileza e experiência. – Quem é essa aqui?

– Bonequinha? – disse a mulher suavemente. – Ela é sua amiga?

Emira queria se abaixar e pegar Briar no colo, pois achava que, talvez, se Briar estivesse vendo seu rosto bem na sua frente, seria capaz de dizer seu nome, mas ela sabia que sua saia era absurdamente curta e agora havia um celular envolvido. De repente, parecia que seu destino estava nas mãos de uma criança que acreditava que brócolis eram árvores-bebês e que se esconder embaixo de um cobertor era uma maneira eficaz de não ser encontrada. Emira prendeu a respiração quando Briar enfiou os dedos na boca. Briar disse “Mira”, e Emira pensou “graças a Deus”.

Mas o guarda disse:

– O seu não, querida. O da sua amiga aqui. Qual o nome dela?

Briar gritou:

– Mira!

– Ela está dizendo o meu nome – falou Emira. – É Emira.

– Você pode soletrar pra mim? – pediu o guarda.

– Ei, ei, ei. – O rapaz atrás do celular tentou chamar a atenção de Emira. – Mesmo que eles peçam, você não tem que mostrar sua identidade. É o que diz a legislação da Pensilvânia.

– Eu conheço os meus direitos, cara – falou Emira.

– Senhor? – O guarda se empertigou e se virou para o rapaz. – O senhor não tem o direito de interferir em um crime.

– Peraí, peraí, um *crime*?! – Emira sentiu como se estivesse em queda livre. Todo o sangue em seu corpo parecia estar zumbindo, pulsando com força na altura dos ouvidos e dos olhos. Ela se abaixou para pegar Briar no colo, afastou os pés para se equilibrar e jogou os cabelos para trás. – Que crime está sendo cometido aqui? Eu estou *trabalhando*. Nesse momento, estou ganhando dinheiro e apostado que estou ganhando mais do que você. A gente só veio aqui pra ver

as castanhas, então pode me dizer logo se vamos ser presas ou se podemos ir agora?

Enquanto falava, Emira tapava os ouvidos da criança. Briar enfiou a mão no decote da blusa dela.

A linguaruda levou a mão à boca novamente. Desta vez, dizendo:

– Ai, meu deus, minha nossa senhora.

– Está bem. – O guarda estufou o peito para que sua postura se equiparasse à dela. – A senhora vai ser detida e interrogada porque a segurança de uma criança está em risco. Por favor, coloque a criança no chão...

– Olha só, quer saber? – O tornozelo esquerdo de Emira vacilou quando ela pegou o celular dentro da bolsa minúscula. – Eu vou ligar pro pai dela e ele vai vir até aqui. Ele é um cara velho e branco, então tenho certeza que todo mundo vai se sentir bem melhor.

– Senhora, eu preciso que a senhora se acalme. – Com a palma das mãos voltadas para Emira, o guarda voltou a olhar para Briar. – Ok, querida, quantos anos você tem?

Emira digitou as primeiras quatro letras de “Peter Chamberlain” e clicou no número de telefone dele, iluminado na tela por uma luz azul. Segurando a mão de Briar, ela sentiu a pulsação de seu coração se acelerar sob a pele.

– Quantos anos você tem, querida? – perguntou a mulher. – Dois? Três? – Ela se virou para o guarda e disse: – Ela parece ter uns 2 anos.

– Deus do céu, ela tem quase 3 – murmurou Emira.

– Senhora? – O guarda apontou o dedo para o rosto dela. – *Eu estou falando com a criança.*

– Ah, sim. Porque é pra ela que você tem que perguntar. Bebê, olha pra mim. – Emira forçou um sorriso nos lábios e deu duas balançadinhas na criança. – Quantos aninhos você tem?

– Um dois três quatro cinco!

– Quantos anos eu tenho?

– Feliz aniversário!

Emira olhou de volta para o guarda e disse:

– Tá satisfeito? – No celular, os toques cessaram. – Sr. Chamberlain? – Ela ouviu um clique ao telefone, mas nenhuma voz. – É a Emira. Alô? Tá me ouvindo?

– Eu gostaria de falar com o pai dela.

O guarda estendeu a mão para pegar o celular.

– Que porra é essa? Tira a mão de mim!

Emira virou o corpo. Briar arfou com esse movimento. Ela segurava o cabelo preto e sintético de Emira junto ao peito, como se os fios fossem contas de um rosário.

– É melhor você não encostar nela, cara – alertou o rapaz com a camiseta da Universidade da Pensilvânia. – Ela não está resistindo. Está ligando pro pai da criança.

– Senhora, estou pedindo gentilmente que me entregue o telefone.

– Cara, se liga, você não pode pegar o celular dela.

O guarda se virou para o homem com a mão estendida e gritou:

– Se afaste, senhor!

Com o celular pressionando o rosto e as mãos de Briar mergulhadas em seu cabelo, Emira gritou:

– Você nem é polícia de verdade, então se afasta você, meu filho!

Foi quando ela viu a expressão no rosto dele mudar. Seus olhos disseram “Agora eu entendi. Sei muito bem que tipo de gente você é”, e Emira mal conseguiu respirar no momento em que ele começou a pedir reforços.

Emira ouviu a voz do Sr. Chamberlain vindo de seu celular.

– Emira? Alô?

– Sr. Chamberlain? O senhor pode vir ao Market Depot? – No mesmo estado de pânico contido em que sua noite havia começado, ela falou: – Porque eles estão achando que eu roubei a Briar. O senhor pode vir logo, por favor?

Ele balbuciou algo entre “O quê” ou “Meu Deus” e então disse:

– Estou indo agora mesmo.

Emira nunca imaginaria que as acaloradas acusações fossem dar

lugar ao silêncio que se seguiu. Os cinco ficaram parados, parecendo mais irritados do que convencidos de que estavam certos, enquanto esperavam para ver quem sairia vencedor. Emira mantinha os olhos cravados no chão, então Briar começou a brincar com os fios de cabelo que caíam sobre os ombros de Emira.

– Parece o cabelo do meu cavalo – disse Briar.

Emira balançou a menina, ainda em seu colo, e falou:

– A-hã. Foi muito caro, então por favor toma cuidado.

Finalmente, ela ouviu o som de uma porta automática deslizando. A passos rápidos, o Sr. Chamberlain surgiu do corredor de cereais. Briar apontou com um dedo e falou:

– É o papai.

As pequenas gotas de suor no nariz do Sr. Chamberlain indicavam que ele havia corrido até lá.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou ele, colocando a mão no ombro de Emira.

Emira respondeu entregando a criança para ele. A mulher deu um passo para trás e disse:

– Ok, ótimo. Vou deixar vocês resolverem isso.

O guarda começou a se explicar e se retratar. Prestou reverência aos reforços quando eles chegaram.

Emira não esperou até que o Sr. Chamberlain terminasse seu discurso para os guardas sobre há quanto tempo frequentava aquela loja, sobre como eles não podiam deter pessoas sem um motivo razoável e sobre quanto era inapropriado questionar suas decisões como pai. Em vez disso, apenas cochichou para ele:

– Nos vemos amanhã.

– Emira – chamou ele. – Espera. Deixa eu te pagar.

Ela fez que não com as duas mãos.

– Eu recebo às sextas. Te vejo na sua festa de aniversário, Bri.

Mas Briar já estava cochilando no ombro do Sr. Chamberlain.

Do lado de fora, Emira virou a esquina correndo, na direção oposta à da casa dos Chamberlain. Ela parou diante de uma con-

feitaria fechada, com cupcakes na vitrine protegida por um portão de segurança. Emira ainda estava com as mãos tremendo enquanto fingia enviar uma mensagem para alguém pelo celular. Inspirando pelo nariz e expirando pela boca, passou os olhos por centenas de músicas. Ela remexeu o corpo e puxou a saia para baixo.

– Ei, ei, ei. – O rapaz com a camiseta da Universidade da Pensilvânia apareceu na esquina. Ele foi até ela e disse: – Você tá bem?

Desolada, Emira deu de ombros como se respondesse “Não faço ideia”. Então mordeu a parte interna da bochecha enquanto segurava o celular junto à barriga.

– Cara, isso foi muito escroto – continuou ele. – Eu filmei tudo. Se eu fosse você, mandava isso pra algum canal de televisão e aí você pode...

– *Tsc. Beeem...* não – falou Emira. Ela afastou os cabelos do rosto. – De jeito nenhum, mas... obrigada mesmo assim.

Ele fez uma pausa e passou a língua pelos dentes da frente.

– Olha só, esse cara foi um babaca contigo. Você não quer que ele seja demitido?

Emira riu e disse:

– Pra quê? – Ela se ajeitou, equilibrando o peso do corpo nos saltos, e colocou o celular de volta na bolsa. – Pra ele conseguir outro emprego de merda desse em outro mercado e receber 9 dólares por hora? Fala sério. Não quero ninguém pesquisando meu nome no Google e me vendo bêbada, com uma criança que não é minha, numa merda de um mercado na Washington Square.

O rapaz respirou fundo e levantou uma das mãos em sinal de rendição. Debaixo do outro braço havia uma sacola de papel do Market Depot.

– Eu acho que... – Ele colocou a mão livre na cintura. – Na pior das hipóteses, você poderia conseguir um ano de produtos grátis.

– Ah, sim. Pra eu fazer um estoque de kombucha e essas merdas? Ele riu.

– Exatamente – respondeu o homem.

– Deixa eu ver esse vídeo. – Emira sacudiu o dedo médio enquanto estendia a palma da mão na direção dele. – Você precisa apagar isso.

– Tem certeza que quer fazer isso? – perguntou ele, com cuidado. – Estou falando sério. Sem dúvida alguém ia topa publicar seu relato num jornal ou algo assim.

– Eu não sou escritora – respondeu Emira. – E nem curto causar na internet, então deixa pra lá.

– Espera, me escuta. – Ele pegou o celular. – Isso é problema seu e eu vou apagar o vídeo com o maior prazer. Mas deixa eu te mandar por e-mail primeiro, caso você mude de ideia.

– Mas eu não vou...

– Caso você mude... Aqui, digita o seu e-mail.

Como parecia mais fácil dar a ele o e-mail do que convencê-lo do contrário, Emira segurou a alça da bolsa com uma das mãos e começou a digitar com a outra. Quando viu o endereço KelleyTCopeland@gmail.com no campo do remetente, ela parou e disse:

– Peraí, quem é Kelley?

Ele piscou.

– Sou eu.

– Ah.

Quando terminou de digitar, Emira o fitou e disse:

– Sério?

– Tá bem, tá bem. – Ele pegou o celular de volta. – Eu sobrevivi ao ensino médio, então você não vai conseguir ferir meus sentimentos.

Emira deu um sorriso.

– Não é à toa que você frequenta esse mercado.

– Ei, eu não costumo fazer compras aqui. – Ele riu. – Mas para de fazer eu me sentir pior. Tem dois tipos de kombucha dentro da minha sacola nesse exato momento.

– A-hã – disse ela. – Apagou?

– Sim, já foi.

Ele mostrou a tela do celular e rolou para baixo. A foto mais re-

cente era de um homem que Emira não conhecia com um post-it grudado no rosto. Ela não conseguiu ler o que estava escrito.

– Tá bem. – Emira ajeitou uma mecha de cabelo que estava grudada no gloss em seus lábios. Abriu um sorriso triste para ele, como se dissesse “Sei lá”, e falou: – Tá. Então tchau.

– Sim, sim. Boa noite, se cuida.

Ficou evidente que aquele não era o desfecho que ele tinha previsto, mas Emira não se importava. Ela foi andando em direção ao metrô enquanto enviava uma mensagem para Zara: Vem pra minha casa quando acabar aí.

Emira poderia chamar um Uber ou um táxi, já que a Sra. Chamberlain certamente a reembolsaria, mas não chamou porque nunca fazia isso. Ficaria com a futura nota de 20 dólares, por isso voltou de metrô para casa, um apartamento em Kensington. Pouco depois de uma da manhã, Zara tocou o interfone lá embaixo.

– Eu não tenho a menor condição de discutir isso – disse Zara, sentada no vaso sanitário do banheiro da amiga. Emira tirava a maquiagem enquanto olhava para ela pelo espelho. – Porque, tipo assim... – Zara levantou as duas mãos na altura do rosto. – Desde quando o passo do *running man* é rebelativo?

– Sei lá. – Emira removia o batom com um lenço umedecido enquanto falava. – Além do mais, a gente já teve essa conversa, né? – continuou ela, fazendo careta. – E todo mundo concordou que eu danço melhor que você.

Zara revirou os olhos.

– Não é uma competição nem nada do tipo – tentou Emira. – Eu sou a melhor, só isso.

– Amiga – disse Zara –, isso podia ter dado uma *merda*.

Emira riu e falou:

– Z, tá tudo bem.

Mas foi então que ela levou as costas da mão à boca e, em silêncio, começou a chorar.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

